



Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Disciplina: História Antiga II – 2019 (Vespertino)  
Coordenador: Marcelo Rede

Fonte documental para análise crítica: Tito Lívio, *Ab Urbe Condita* (“Da fundação da cidade”), excertos do Prefácio e do livro I.

**I.Prefácio.6-7** – As lendas que correm sobre a época anterior à fundação de Roma ou sobre a própria fundação, mais conveniente a contos de poetas que a uma fiel e documentada obra de história, eu não afirmo nem afasto. Às antigas épocas somente se faz esta concessão, de tornar mais veneráveis os primórdios das cidades mesclando o humano com o divino; e se nunca a um povo deve ser lícito fazer sacras as suas origens e o reportar aos deuses a fundação, tanta é a glória de guerra do povo romano, que se esse ama orgulhar-se de Marte como seu pai e de seu fundador, as gentes humanas deveriam tolerar isto outrossim de bom animo como toleram o império.

**I.6.4; 7.1-3** – Porque eram gêmeos e não existia o direito de idade que pudesse estabelecer uma distinção, para que os deuses protetores daqueles lugares por meio de sinais augurais escolhessem quem deveria dar o nome à nova cidade, e, uma vez fundada, tomar o governo, ocuparam Rômulo o Palatino e Remo o Aventino como sede para a observação dos auspícios.

Se diz que a Remo primeiro se apresentou o augúrio, seis abutres; e quando isto já havia sido anunciado, aparecendo a Rômulo o dobro, um e outro foram aclamados como rei pelos seus seguidores: uns reclamavam o reino com base na precedência do augúrio, outros com base ao número de pássaros. Desencadeada então uma rixa, no calor da ira se entregam ao sangue, e, golpeado no meio da multidão, Remo cai. É versão mais difundida que um sinal de escárnio em direção ao irmão, Remo tinha ultrapassado de um salto a recente muralha e tenha sido depois assassinato por Rômulo irado, o qual teria acrescentado estas palavras de repreensão: “Esta sorte terá qualquer outro que ultrapassar a minha muralha”. Assim Rômulo permanecera chefe único do poder, e a nova cidade tomara o nome do fundador.

Fortificara primeiramente o Palatino, sobre o qual ele tinha sido criado. Celebrara sacrifícios, aos outros deuses, segundo o rito albano, a Hércules segundo o rito grego, seguindo o costume introduzido por Evandro.

**I.13.6-8** – A prazerosa paz nascida improvisamente por uma guerra assim dolorosa deixou mais queridas as mulheres sabinas aos maridos e aos pais, e sobretudo ao próprio Rômulo. Portanto, dividindo o povo em trinta cúrias, colocara às cúrias os nomes daquelas. A tradição não diz, dado que sem dúvida o número de mulheres deveria ser ao menos superior a trinta, se aquelas que deram o nome às cúrias foram escolhidas com base na idade, ou na sua nobreza, ou na dos maridos, ou foram tiradas por sorte. No mesmo tempo foram constituídas também três centúrias de cavaleiros: foram chamados Ramnenses por Rômulo, Tizienses por Tito Tazio; dos Luceres incerta é a origem e a derivação do nome. Depois, o reino não somente fora em comum, mas vira também o pleno acordo entre os dois reis.

**I.42.4-5; 43.1-9** – Se empreende então a maior obra de paz, graças a qual, como Numa fora o autor das instituições religiosas, assim Servio [Tullio] é celebrado pela posteridade como fundador da divisão dos cidadãos em classes, pela qual existe uma certa diferença entre os vários graus de dignidade e de sorte. Instituíra de fato o censo, coisa utilíssima para um estado que queria tornar-se assim grande, na sequência ao qual as obrigações em paz e guerra não foram iguais para todos, como antes, mas proporcionais à entidade do patrimônio. Depois constituíra as classes e as centúrias, com um ordenamento delineado com base no censo, correspondente às exigências seja da paz que da guerra. Daqueles que tinham um patrimônio de cem mil asses [327g de cobre/asse] ou mais fizeram-se oitenta centúrias, quarenta de sêniores [46-60 anos] e outras tantas de juniores [17-45 anos]: todos estes foram chamados primeira classe; os sêniores deveriam permanecer para a defesa da cidade, os juniores conduzir guerras externas. As armas a estes prescritas eram o elmo, o escudo redondo, as grevas e a couraça, todas de bronze, como armas defensivas, e como armas ofensivas a lança e a espada. A esta classe foram agregadas duas centúrias de operários, que prestavam serviço militar sem armas, e eram designados ao transporte das máquinas de guerra. A segunda classe compreendia aqueles que tinham um patrimônio de cem mil asses a setenta e cinco mil asses, e com essa se formavam vinte centúrias entre sêniores e juniores; as armas prescritas eram o escudo retangular no lugar daquele redondo, e para o resto eram aquelas mesmas da primeira, exceto a couraça. O censo prescrito para a terceira classe queria que fosse de cinquenta mil asses; o número de centúrias era o mesmo, também estas divididas segundo os mesmos limites de idade; as armas não eram diversas, somente faltavam as grevas. Na quarta classe o censo mínimo era de vinte e cinco mil asses: as centúrias sempre vinte, mas as armas mudavam: não tinham outro senão a lança e o dardo. Mais numerosa a quinta classe, com trinta centúrias; os homens portavam a funda e as pedras para lançamento. Agregados a estes eram os *accensi*, os tocadores de corno e de trompa, divididos em três centúrias. O censo desta classe devia atingir os onze mil asses; de todo o resto da população que tinha um censo inferior se fez uma só centúria isenta do serviço militar. Assim equipado e ordenado o exército de infantaria, Servio formou doze centúrias de cavaleiros, saídos das principais famílias da cidade. Levava depois ao número de seis as outras centúrias, enquanto Rômulo tinha estabelecido três, deixando o mesmo nome lhes imposto pelos auspícios. Para a aquisição de cavalos foram designados do erário dez mil asses para cada um, e, além, para a sua manutenção fora imposto um tributo às viúvas, que deviam dar dois mil asses ao ano cada uma.

**I.44.3-5** – Com tanta população impunha-se [a Servio Tullio] também a ampliação da cidade. Incluiu duas colinas, o Quirinale e o Viminale, depois acrescentou o Esquilino, onde ele mesmo, para dar ao lugar dignidade, fora habitar. Circundara a cidade de um bastião, de fossos e de muralha; assim fez avançar o pomerio. Aqueles que consideram só a palavra [lit. valor etimológico], interpretam *postmoerum* [depois/atrás do muro], mas esse é sobretudo *circamoerium* [ao redor de muros], designando o espaço que na fundação da cidade os antigos etruscos, por onde deviam traçar um muro, consagravam depois de tomar os auspícios, fixando em torno cipos, assim para impedir que da parte interna as construções viessem a se conjugar à muralha (norma que hoje geralmente não é mais respeitada), para deixar fora uma faixa de terreno livre de cultura humana. Este espaço, que não era lícito nem habitar nem arar, os romanos o chamaram pomerio tanto porque estava atrás do muro, quanto porque o muro estava atrás desse; e cada vez que a cidade vinha ampliada, os sacros cipos eram deslocados adiante tanto quanto devia avançar a muralha.